

REPRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA: um estudo do ementário dos cursos de Arquivologia do Brasil

Wanessa Martins Rodrigues¹
Thiago Henrique Bragato Barros²

RESUMO: A descrição e representação de arquivos é um processo que passou por várias mudanças teórico-conceituais nas últimas décadas, essas modificações ocorreram devido em grande parte a normalização e refinamento dos instrumentos de pesquisa, ou seja, fundamentalmente na maneira como as pessoas usam e buscam conteúdos informacionais em ambientes de arquivos. Nesta perspectiva objetivou-se especificamente conhecer e compreender os parâmetros do ensino existente nos cursos de graduação em arquivologia referentes à representação de arquivos. O problema que se coloca, portanto, é até que ponto existe uma integração entre a descrição e representação nos cursos de Arquivologia no Brasil e, se havendo integração entre estas, levam em conta as especificidades arquivísticas. Para este fim realizou-se primeiramente uma revisão de literatura baseada nas principais publicações em âmbito nacional e internacional referente à descrição e representação arquivística e posteriormente a análise das disciplinas e de seu ementário. Assim, este trabalho configura-se, portanto, um estudo exploratório, teórico e documental tendo como norte a análise das ementas para identificar as possíveis relações entre as disciplinas de graduação e a representação arquivística. A realização da coleta de dados deu-se nos sites das instituições e por e-mail, quando não possível nos sites, buscando quais são as disciplinas que trabalham com as temáticas relacionadas à representação e descrição arquivística, construindo quadros e gráficos a fim de analisar e visualizar essas relações, existentes ou não. Conclui-se que embora a temática seja trabalhada no conteúdo programático das disciplinas, existe ainda espaço para ampliação e integração da representação e a descrição de arquivos no âmbito do ensino de graduação no Brasil visando instrumentos de pesquisa mais fidedignos aos documentos e a necessidade dos usuários.

Palavras- Chave: Descrição Arquivística. Representação Arquivística. Ensino de Descrição no Brasil. Análise de Ementas.

ARCHIVAL DESCRIPTION AND REPRESENTATION: a study of disciplines program in Brazilian archival studies courses

ABSTRACT: The representation and description of archives is a process that went through several theoretical and conceptual changes in recent decades, these changes were due largely to standardization and refinement of finding aids and research tools, fundamentally changing the way people use and seek informational content in archival environment. With this perspective aimed specifically to know and understand the parameters to the teaching in undergraduate courses in archival science concerning representation of archives. The problem that arises therefore is to what extent there is integration between the description and representation in archival science programs within the Brazilian curricula and if there is integration between them, taking in to account the specificities archival practice. To an end we held primarily, a literature review based on leading publications in national and international level regarding the description and archival representation and later analysis of the subjects and theirs programs. This article, can be understand as an exploratory, theoretical and documental study having as a north the analysis of programs to identify the possible links between undergraduate disciplines and archival representation. The completion of data collection took place on the websites of institutions and e-mail, when not on the websites, seeking witch disciplines works with issues related to representation and archival description, building charts

¹Acadêmica do curso de Arquivologia da UFPA. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UFPA

²Professor Adjunto da Faculdade de Arquivologia - UFPA

and graphs to analyze and view these relationships, existing or not. It concludes that although, the theme is crafted in the programmatic content of disciplines and there is still room for expansion and integration of archival representation and description in undergraduate education in Brazil seeking more reliable research tools to documents and answer the user's needs.

Keywords: Archival Science. Archival Representation. Description teaching in Brazil. Discipline Program Analyses

1 INTRODUÇÃO

Uma das principais razões de ser da Arquivística e dos arquivos, se não for a principal, é dar conta e garantir que as informações registradas estejam ao alcance quando solicitadas, e para isso, no percurso de sua construção teórica e prática, desenvolveu intelectualmente métodos capazes de concretizar isto. A classificação e a descrição arquivística se destacam nesse sentido porque ambas resultam em representações das informações.

O Grupo de Pesquisa Representação em Arquivos e Bibliotecas (GPRAB) da Universidade Federal do Pará tem desenvolvido estudos relacionados à organização e representação da informação. Neste, que se apresenta, objetiva especificamente conhecer e fazer conhecida os parâmetros de ensino existente nos cursos de Arquivologia das instituições de ensino superior, estaduais e federais, delimitando-se às disciplinas referentes à descrição, representação ou que abordam a temática, mas estejam sob outras nomenclaturas.

O problema que se coloca, portanto, é até que ponto existe uma integração entre a descrição e representação nos cursos de Arquivologia no Brasil e, se havendo integração entre estas, levam em conta as especificidades arquivísticas. Para este fim realizou-se primeiramente uma revisão de literatura baseada nas principais publicações em âmbito nacional e internacional referente à descrição e representação arquivística. Configura-se, portanto, um estudo exploratório, teórico e documental. E ainda, para a análise das ementas, a observação como norteador para identificar as possíveis relações entre as disciplinas e a representação arquivística.

A realização da coleta de dados deu-se nos sites das instituições e por e-mail, quando não possível nos sites, buscando quais são as disciplinas que trabalham com as temáticas relacionadas à representação e a descrição arquivística.

Primeiramente busca-se discorrer sobre a descrição arquivística por meio de um breve histórico até os dias atuais procurando destacar as mudanças ocorridas no decorrer do

tempo especialmente a partir do momento em que a abordagem da representação recebe maior atenção, especificamente nos anos 1980 e 1990 com o aparecimento das normas de descrição.

Ao analisar os currículos dos cursos de arquivologia e as associações institucionais no contexto brasileiro é possível identificar, grosso modo, uma especificidade, no sentido de que estes cursos ganham identidade própria a partir de suas relações institucionais, seja com a Biblioteconomia, Museologia, ou Ciência da Informação. Os autores Gabrielle Tanus e Carlos Alberto Ávila ao discorrerem sobre a temática das relações acadêmico-institucionais consideram que:

A diversidade de vínculos desses cursos de Arquivologia é algo desejável, desde que sejam respeitadas as suas especificidades. Além disso, acredita-se que esses vínculos diversificados incitam discussões mais verticalizadas dos campos, haja vista a necessidade de que dialoguem de modo mais reto. (TANUS; ARAÚJO, 2013. p. 98).

Considera-se que a identidade dos cursos expressa nas ementas é reflexo, portanto, tanto das relações institucionais quanto pela formação dos docentes que em grande parte é interdisciplinar e pulverizada, embora recentemente hajam mais professores formados em arquivologia nos cursos, sua atuação na maioria dos casos é menor e mais recente. Baseando-se nestas sentenças procura-se as influências e relações que sustentam o ensino da descrição e da representação em âmbito nacional.

Analisando e comparando num primeiro momento a denominação das disciplinas relacionadas e os ementários existentes. Que temáticas são trabalhadas? E se são trabalhadas qual a importância é dada nas ementas? Existe uma diferenciação entre a descrição, classificação e representação? Qual é o percurso desses conteúdos na organização disciplinar dos currículos?

Buscando responder a essas perguntas utiliza-se enquanto metodologia a análise crítica da literatura da área e comparam-se informações quantitativas e qualitativas por meio de tabelas e gráficos. O estudo visa por esse viés compreender as relações destas áreas em seu universo mais importante o do ensino, na medida em que, é por meio dele que se fundamentam e constroem-se as relações teórico-práticas no conhecimento humano.

2 REPRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA: A interseção de um campo.

Ao longo da história dos documentos, e desde que surgiram os arquivos, as funções referentes à organização e ao tratamento documental são exercidas especialmente no contexto das administrações públicas.

A descrição esteve presente sob diversas formas as quais consistiam ou na íntegra transcrição do documento (cópias), a fim de se preservar o original, ou na elaboração de inventários, guias e catálogos elementos que representavam de forma sucinta o acervo e a documentação.

Estes instrumentos passaram a ser orientados, a partir do século XIX, por manuais e princípios, a exemplo do Manual de Arranjo e descrição de arquivos cunhado pelos arquivistas holandeses em 1889, do princípio da respeito aos fundos atribuído ao historiador francês Natalis de Wally instaurado por meio de uma circular em 1841, e no século seguinte por meio do livro de Hillary Jenkison sob o título: *A manual of archive administration: including the problems of war archives and archivemaking* (BARROS, 2014).

Gagnon-Arguin destaca que “a publicação de manuais representa uma etapa na constituição de uma disciplina científica” *et al* (Rousseau e Couture 1998, p. 53). Com isto pode-se inferir que com a aquisição do status de disciplina os preceitos práticos, teóricos e metodológicos da Arquivística difundiram-se e adquiriram consistência no ambiente acadêmico proporcionada pela pesquisa, em especial, e conseqüentemente por meio de suas publicações.

O “pensar sobre” na Arquivística é crucial, a análise das relações interdisciplinares, das convenções, da formação do profissional de arquivo, da sua função administrativa, cultural e social dentre outras. Das citadas destaca-se o papel social dos arquivos e arquivistas, pois aquele deve ser resposta às questões da sociedade e este o que proporciona o conhecimento destas informações/respostas.

As concepções e transformações ocorridas na Arquivística em grande parte são reflexos do contexto social e político em que se viveu (e vive). Por exemplo, as legislações criadas a partir dos governos democráticos instauram a transparência das atividades administrativas, judiciais e legislativas e, por conseguinte, possibilitam o acesso aos registros. (ROUSSEAU e COUTURE, 1998).

Na arquivística estas mudanças são perceptíveis por caracterizarem períodos considerados renovadores, seja na prática ou teoria arquivística, como a revisão de princípios, a concepção do objeto de estudo e a adaptação de seus métodos às tecnologias emergentes e a abertura dos espaços de arquivos de modo mais abrangente à sociedade.

Sobre estas mudanças Tognoli destaca que

[...] uma mudança de paradigma é anunciada na Arquivística quando Hugh Taylor admite a obsolescência dos princípios e métodos arquivísticos promulgados no século anterior, caracterizando o final do século XX como um período de revolução científica [...]. (TOGNOLI, 2012, p.82).

Isto significa uma profunda reformulação na estrutura teórica e metodologia na arquivística, que para o contexto já não correspondia de forma satisfatória.

Inclusive quando percebe-se a aproximação dos arquivistas e da Arquivística às relações interdisciplinares com a Ciência da Informação e Teoria da Informação, como no caso dos trabalhos de Fonseca (2005) e Taylor(1984).

Deste modo as normas de descrição arquivística são um dos possíveis resultados destas transformações à medida foram pensadas para refletirem todo o processo da produção documental, deste a criação à guarda permanente. A partir de quando discutidas, em meados da década de 1980 e promulgadas nos anos de 1990-2000 passam a ser um dos principais meios de representação em arquivos seja em âmbito analógico ou digital, especialmente nos países que não possuíam iniciativas nacionais de normalização.

No contexto brasileiro as normas de descrição chegaram um pouco depois. Apenas após a participação do Brasil na revisão da 2ª edição da ISAD(G). Na qual tinha como tarefa primordial:

[...] traduzir a norma e divulgá-la o mais amplamente possível. O Arquivo Nacional assumiu essa tarefa e no início de 1998 publicou a primeira edição brasileira das normas internacionais ISAD(G) e ISAAR (CPF). (CONARQ, 2006, p. 8).

Sobre isto Lopes elenca uma série de fatores que considera terem sido influenciados positivamente em virtude de se ter um parâmetro, em âmbito internacional, pelo qual se guiar, como se vê:

Os arquivistas ganharam, com estas normas, um importante instrumento para o seu trabalho. Não precisam mais optar entre as variáveis idiomáticas. Agora, dispõem de regras internacionais, tal como os bibliotecários, os médicos, os biólogos. O avanço das normalizações, quiçá em outras áreas, contribuirá para quem deseja uma arquivística teórica e prática, uma ciência social aplicada, como qualquer outra. (LOPES, 2013, p. 299).

Esta consolidação metodológica da Arquivística em grande parte é fruto da corrente integradora enunciada nos anos 1980 por Rousseau e Couture onde as funções arquivísticas, classificação e descrição, passam a ser compreendidas como fases de um processo, uma associação, um trabalho contínuo e interligado. Isto fica entendido quando os autores refletem sobre a informação e seu contexto de produção.

A produção de informações orgânicas registradas dá origem aos arquivos do organismo. Sob esta designação são agrupados todos os documentos, seja qual for o seu suporte e idade, produzidos e recebidos pelo organismo no exercício das suas funções. (RUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 65).

Rousseau e Couture indicam que focar no documento é algo muito generalizado (constatação bastante presente na Arquivística dos manuais) e que, portanto, esse valor - informação orgânica - seria obtido através da informação que aquele documento tivesse daí, então, aparecem termos como informação orgânica e não orgânica.

A representação arquivística, conforme Lopes (2013) visa dentre outras coisas olhar a informação desde suas primeiras fases perpassando pela avaliação, classificação, e finalmente e de modo mais profundo e específico nos arquivos permanentes com a descrição.

A dinamicidade do processo informacional vai além da simples análise do documento pressupõe um estudo, uma pesquisa.

A conexão entre o documento e seu contexto é um processo intelectual que é materializado por meio dos instrumentos de pesquisa resultados dos processos de representação do conhecimento arquivístico e entendidos como uma ponte entre o usuário e o documento. (TOGNOLI, 2012, p.89).

Portanto, o processo de representação é muito mais amplo e complexo do que faz se parecer especialmente quando se refletem além da visão unilateral dos produtos do processo no caso, planos de classificação e instrumentos de pesquisa. Nesta perceptiva integradora se reconhece a representação descritiva como um processo contínuo e mutável, passível de mudanças, acréscimos e alterações especialmente porque a informação é dinâmica, em relação a sua natureza e seu uso, por ser reflexo do contexto social em que se insere e expressa o qual vive em constante ressignificação.

Este aspecto vai de encontro ao arranjo e descrição moderno que compreende tanto o arquivista quanto o documento, elementos estáticos e neutros. Estas características não amparam mais a representação contemporânea por não compreenderem a informação orgânica como compreende-se acima.

Buscou-se delimitar aqui o campo teórico de atuação da representação arquivística a fim de buscá-la no ementário voltado para as temáticas trabalhadas.

3 CARACTERÍSTICAS DO ENSINO EM DESCRIÇÃO NO BRASIL

Encontra-se em estudos recentes publicados, a exemplo de Marques (2011), Calderon (2011), Rego (2015), que a arquivística brasileira desde os anos 1960, procurou alinhar-se às tendências teórico-práticas internacionais, por meio de parcerias, traduções e visitas a instituições internacionais, tal perceptiva já encontrava-se presente no Arquivo Nacional quando da criação do primeiro curso perene de ensino em Arquivística, a saber o Curso Permanente de Arquivos (CPA) e os cursos extraordinários, e subsidiar as operações desempenhadas nos arquivos brasileiros.

Reflexo disso são as visitas de renomados profissionais da área como Charles Lyon Chandler historiador norte-americano, Henri Boullier de Branche professor francês, Theodore Roosevelt Schellenberg professor e vice-diretor do Arquivo Nacional Americano, ElioLodolini do Arquivo do Estado de Roma, Michael Duchain professor e inspetor geral dos *Archives Nationales* da França, Aurélio Tanodi diretor do CIDA e da *Escuela de Archiveros* de Córdoba entre muitos outros conforme elenca Marques (2011). Estas visitas foram de fundamental contribuição para a consolidação do ensino de Arquivística no Brasil, à medida que deixavam tanto suas impressões quanto à realidade brasileira, como sugestões com vistas à melhoria referente à expansão do campo em termos técnicos, políticos e científicos.

Quanto ao processo de descrição documental nacional, observa-se que, tal qual dos países norte-americanos e europeus este seguiu o curso das produções de instrumentos de pesquisa, dando visibilidade aos guias, inventários e catálogos. Das primeiras publicações traduzidas para a língua portuguesa constam o Manual de Arquivo do professor Theodore R. Schellenberg e o Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos dos arquivistas holandeses sendo este último de 1960 sua primeira edição o país (Arquivo Nacional, 1973).

Laura Rego considera que “diante da especificidade e precisão dessa atividade nos processos de organização arquivística, a mesma se tornou tema de estudo nas disciplinas nucleares nos cursos de Arquivologia, no Brasil. ” (2015, p.30). É importante considerar o espaço da disciplina de descrição de documentos nos cursos de arquivologia sob esse ponto de vista, pois a descrição é tanto a sequência do processo de representação como a expressão mais minuciosa e detalhada dos documentos e arquivos neste percurso.

Todavia chama-nos a atenção o fato de mesmo depois de tantos anos formando profissionais arquivistas ainda assim encontrarem-se tantos arquivos em realidades caóticas, salvo raras exceções. Sobre estes aspectos Lopes fez importantes considerações.

Segundo o autor:

Quando a Arquivística se restringe a uma prática de natureza técnica e catecismal, ela fica sem lugar nos domínios do conhecimento científico e, o que é pior, igualmente perdida no campo das tecnologias contemporâneas. (LOPES, 2013, p. 347).

Cabe indagar, portanto, se esta realidade não é reflexo do ensino promulgado nas escolas de arquivologia nacionais.

Lopes em sua obra *A Nova arquivística na Modernização Administrativa* destaca uma pesquisa realizada pelo CIA – Conselho Interacional de Arquivos – em 1992 sobre o ensino na arquivística em âmbito mundial, dividindo os aspectos da graduação e da pós-graduação. Segundo o autor, nos Estados Unidos e Canadá chama a atenção para os cursos de graduação e pós-graduação enfatizando que:

Predomina o *strictu-sensu*, levando à formação de professores e pesquisadores que ingressam na vida profissional depois de terem um título de mestre vinculado a uma dissertação, estágios e exames escritos. (LOPES, 2013, p. 353).

Na América Latina falou sobre as diferenças encontradas em relação às duas nações anteriores, fazendo breve relato sobre as escolas de arquivologia existentes e seus respectivos anos de criação. Deu ênfase ao caso brasileiro no qual ressaltou o resultado da pesquisa do ICA que apontava as deficiências que segundo ele são semelhantes na graduação e na pós-graduação, “faltam professores e interesse da comunidade acadêmica nacional...” (LOPES, 2013, p. 358). E propôs o que ao seu entender seria a solução para os problemas identificados em sua pesquisa e na pesquisa de Norma de Góes Monteiro, a quem faz referência.

No nosso entender, a solução para os problemas levantados pela autora consiste também na necessidade de evoluir também para a pós-graduação *strictu sensu*, modalidade de ensino que, no Brasil e no mundo, amplia a pesquisa, a possibilidade de formação de quadros profissionais e a produção intelectual. (LOPES, 2013, p. 359).

A pesquisa realizada na década de 1990 ainda é contemporânea à realidade de ensino e pesquisa em Arquivística brasileira. Assinala a iminente necessidade de associar a pesquisa

ao fazer arquivístico de modo a formar profissionais arquivistas com capacidade que vá além da mera produção de instrumentos de pesquisa, com conhecimento necessário para compreender e dominar todas as fases e contextos por qual perpassa a informação.

Portanto, compreendendo a representação arquivística e as funções a ela relacionadas para além de seus produtos técnicos, mas como um processo possível de construção de modelos e metodologias de tratamento.

4 ANÁLISE DAS EMENTAS

O estudo do ementário dos cursos deu-se por intermédio da análise crítica e procurou identificar os principais pontos de encontro e diferenças entre as ementas, ou seja, o ensino da descrição nas instituições selecionadas.

As informações referentes às ementas foram obtidas via e-mail e nos sites das instituições. Dos dezesseis cursos de arquivologia em universidades públicas apenas o da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) não foi possível por não constar no site e por não termos obtido resposta do e-mail enviado. Para tanto trabalhou-se com a Universidade federal do Rio Grande (FURG), a Universidade Estadual de Londrina (UEL), a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Universidade federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a Universidade de Brasília (UNB), a Universidade Estadual Paulista (UNESP) e a Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Propôs-se, portanto, em um primeiro momento, a identificação da nomenclatura das disciplinas que abordam a descrição/representação. Como pode ser visto no quadro abaixo.

DENOMINAÇÃO DAS DISCIPLINAS DE ACORDO COM AS UNIVERSIDADES	
FURG	DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA
UFAM	ARRANJO E DESCRIÇÃO DE DOCUMENTOS
UFBA	DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA

UFES	ARRANJO E DESCRIÇÃO DE DOCUMENTOS
UFF	DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA
UFRGS	DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA
UFSC	DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA
UFSM	ARRANJO E DESCRIÇÃO DE DOCUMENTOS I e II
UNESP	DESCRIÇÃO DOCUMENTAL
UNIRIO	>ARRANO E DESCRIÇÃO DE DOCUMENTOS >ANÁLISE DA INFORMAÇÃO
UFPA	REPRESENTAÇÃO ARQUIVÍSTICA I e II
UFPB	REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA
UFMG	>ARQUIVOS PERMANENTES I e II >DESCRIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTOS ESPECIAIS
UNB	ARQUIVOS PERMANENTES I e II
UEL	GESTÃO DE DOCUMENTOS III

Quadro 1: Denominação das disciplinas de acordo com as universidades. **Fonte:** Elaborado pelos autores

Dentro do universo da representação arquivística as instituições de ensino, como se pode ver, denominam as disciplinas por termos que se diferenciam em sua forma, mas que em seu sentido remete basicamente a uma operação descritiva realizada em uma determinada fase do ciclo documental, e que se destina semelhantemente a arranjar e representar informações concernentes a um acervo e/ou um arquivo.

Percebe-se em relação ao nome dado as disciplinas que trabalham com a temática, que predomina-se o conceito de “Descrição Arquivística” (5 cursos, 33%) ou seja, a descrição enquanto uma função primordial para a organização dos arquivos e o seu produto, os instrumentos de pesquisa como um insumo básico na formação dos arquivistas, fundamentada principalmente nas normas de descrição do CIA. Outro conceito presente no âmbito das disciplina é o de “Arranjo e Descrição de Documentos” (4 cursos, 27%), uma perceptiva calada, na arquivística dos manuais e dos arquivos permanentes. O mesmo ocorre com os cursos que trabalham com as disciplinas de Arquivos Permanentes I e II (2 Cursos, 13%), ou seja, ainda permanece predominante uma perspectiva tradicional no trabalho com a representação arquivística, percebe também outros 4 cursos, 27%, que denominam suas

disciplinas com outros nomes vinculando-se a outras perspectivas, como observa-se no gráfico a seguir:

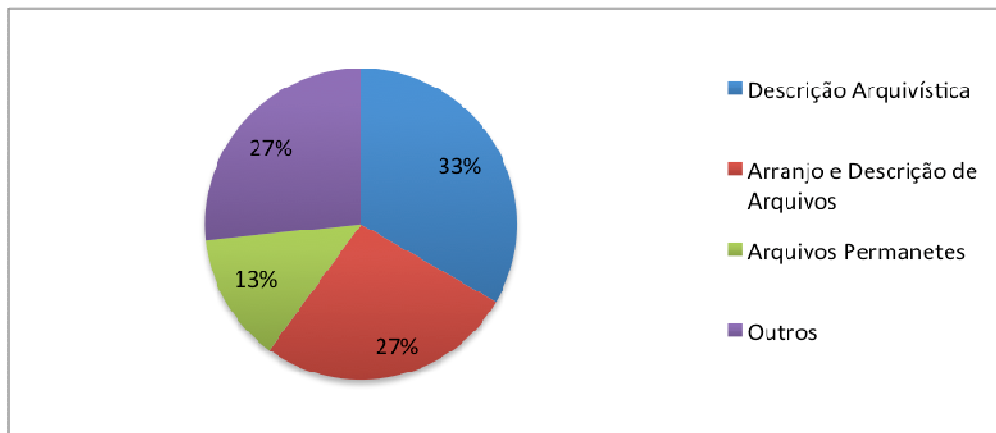


Gráfico 1: Representação gráfica da nomeação das disciplinas. **Fonte:** Elaborado pelos autores.

Percebe-se então, baseando-se nas informações levantadas que existe no conjunto de disciplinas dos cursos de Arquivologia, uma perspectiva fundamentalmente tradicional no ensino de representação arquivística no Brasil em 40% dos cursos relacionando unicamente os Arquivos Permanetes e ao arranjo, outro fator importante é a normalização e os instrumentos de pesquisa que, perpassam todas as disciplinas independente da nomeação dada.

Destaca-se a seguir os temas mais recorrentes encontrados nas ementas de acordo com as instituições que as representam, quais sejam, normalização, instrumentos de pesquisa, representação e arranjo, como expresso no quadro a abaixo.

INSTITUIÇÃO DE ENSINO	PRINCIPAIS TEMÁTICAS IDENTIFICADAS			
	Normalização	Instrumentos de pesquisa	Representação	Arranjo
FURG	X	X	X	
UEL	X	X	X	X
UFAM	X	X		X
UFBA	X	X	X	
UFES	X	X		X
UFF	X	X	X	
UFMG	X	X	#	X

UFPA	X	X	X	X
UFPB	X	X	X	
UFRGS	X	X		
UFSC	X	X		
UFSM	X	X	O	X
UNB	X	X	O	X
UNESP	X	X	X	
UNIRIO	X	X	#	X

Quadro 2: principais temáticas identificadas **Fonte:** Elaborado pelos autores.

Compreende-se no quadro a cima (X) como temáticas abordadas especificamente nas disciplinas de descrição (O) como temáticas abordadas, mas que não estão expressas nas ementas, mas no conteúdo programático, e (#) como temáticas abordadas em outras disciplinas.

Destacam-se como um denominador comum especialmente a normalização e o conhecimento e produção de instrumentos de pesquisa, estas são abordadas nos ementários de todas as quinze instituições de ensino (X). Os outros dois, representação e arranjo, em aproximadamente metade destas. Identificou-se que a temática de representação em algumas ementas não é encontrada, mas que consta no conteúdo programático, desse modo às identificamos com o círculo acima (O).

As diferenças existentes entre as disciplinas que compõem o processo de representação arquivística em grande parte são superficiais, em sua maioria consistem em termos distintos, mas que remetem ao mesmo sentido.

Percebe-se uma grande preocupação com a técnica descritiva, em se instaurar no seio do ensino de descrição no país o uso das normas de descrição e a produção de instrumentos de pesquisa. Isto tem sua importância ao se considerar a realidade dos arquivos nacionais e a urgência que há em formar profissionais capacitados a fazerem uso destes meios de representação disponíveis.

Todavia a processo de representação arquivística não é definido por estas produções e nem se resume a instrumentos de pesquisa. Antes, se destina a pesquisa profunda, como já dito, do conteúdo arquivístico.

Portanto o percurso desses conteúdos, especialmente a abordagem da representação, na organização disciplinar dos currículos é bastante diverso, pois não se restringem a uma

disciplina apenas, como a “descrição”. Foram identificadas disciplinas, além das ditas “específicas”, por exemplo, “Descrição e organização de documentos especiais” da UFMG, “Análise da Informação” da UNIRIO, que abordam deliberadamente a representação, e que, no entanto, nas que são originariamente de descrição não trazem em suas ementas dados suficientes para que se possa inferir com exatidão sua abordagem ou não sobre a representação.

O gráfico seguinte interpreta os temas de maior relevância e maior recorrência identificados.

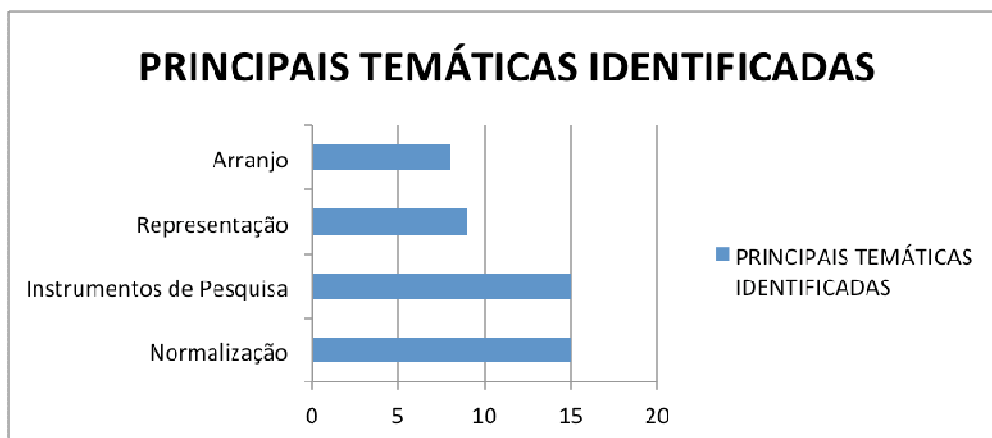


Gráfico 2: Representação gráfica das principais temáticas identificadas. **Fonte:** Elaborado pelos autores.

Vê-se a representação como uma abordagem ainda tímida identificada em cerca de 60% dos cursos, embora, sim, importante por estar presente em ao menos 40% destes. E o arranjo é percebido em aproximadamente metade destes. Estas características, diferentemente das identificadas nas nomenclaturas das disciplinas que são superficiais, demonstram dois polos visivelmente opostos no ambiente do ensino da representação arquivística nacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arquivística possui um desenvolvimento teórico recente no que se refere a suas bases conceituais e seu desenvolvimento metodológico. Objetivou-se analisar o conteúdo das disciplinas visando compreender qual é o estágio de integração entre as abordagens integradoras recentes e os conteúdos tradicionais referentes a descrição e normalização dos instrumentos de pesquisa. É perceptível, que os cursos que passaram por revisão curricular nos últimos 10 anos possuem conceitos de representação aplicados a realidade dos arquivos destacou-se os principais pontos de encontro e dessemelhanças entre estas.

Constatou a importância de se criar uma identidade nacional relacionada ao ensino das referidas disciplinas, buscando por metodologias de ensino calcadas no equilíbrio entre teoria e prática descritiva e a busca por uma harmonização curricular nacional. A arquivística tem muito a ganhar com essa perspectiva, principalmente nas disciplinas que visam discutir aspectos nucleares para o tratamento dos arquivos vê-se a necessidade de uma possível revisão, ou mesmo atualização curricular, por se tratarem de questões/assuntos que expressam as especificidades da arquivística enquanto disciplina científica e suas relações interdisciplinares com a Ciência da Informação.

Evidentemente, são necessários mais estudos voltados ao tema, uma vez que o tema não foi esgotado e sim apresentado como uma possibilidade de revisão para o campo. Este trabalho é parte da pesquisa que tem se desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa Representação em Arquivos e Bibliotecas da Universidade Federal do Pará e sinaliza a importância da representação no ensino, teoria e prática arquivística no Brasil.

REFERENCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS HOLANDESES. **Manual de arranjo e descrição de arquivos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973.

BARROS, T. H. B. **A representação da informação Arquivística: Uma Análise do discurso teórico e institucional a partir dos contextos Espanhol, Canadense e Brasileiro**. 2014. 222 f. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2014.

BRASIL, Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006. 124p.: 27,9cm.

CALDERON, Wilmara Rodrigues. **O arquivo e a informação arquivística: da literatura científica à prática pedagógica**. Marília, 2011. 183f.: 30cm. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, SP, 2011.

CENTRO ACADÊMICO DE ARQUIVOLOGIA. **Universidade Federal da Paraíba**. Disponível em: <https://caarqufpb.wordpress.com/docs/>. Acesso em: 01, abr, 2016.

FONSECA, M.O.K. **A arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GAGNON-ARGUIN, L. Os arquivos, os arquivistas e a Arquivística: considerações históricas. In: COUTURE, C.; ROUSSEAU, J-Y. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998. (Nova Enciclopédia, 56)

LOPES, Luís Carlos. **A nova arquivística na modernização administrativa**. 3. ed. Brasília: Annabel Lee, 2013.

MARQUES, Angelica Alves da Cunha. **Interlocuções entre a Arquivologia nacional e a internacional no delineamento da disciplina no Brasil**. Brasília: FCI/UnB, 2011. 399 fl. (Tese de Doutorado).

REGO, Laura Maria do. **Formação acadêmica e produção científica docente em descrição arquivística: um estudo a partir dos cursos de graduação em arquivologia do Brasil**. Marília, 2015. 94 f.; 30 cm. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015.

ROUSSEAU, Jean-yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Varona - Salamanca: Publicações Dom Quixote, 1998.

SUPERINTENDÊNCIA DE ADMINISTRAÇÃO ACADÊMICA. **Universidade Federal da Bahia**. Disponível em <https://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/SUPAC/Ementas2e> <https://www.ufba.br/> Acesso em: 30, mar, 2016.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O ensino da arquivologia no Brasil: fases e influências**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 37, p. 83-102, mai./ago., 2013.

TAYLOR, H. **Information ecology and the archives of the 1980s**. Archivaria, n.18, p. 25-37, Summer 1984.

TOGNOLI, Natália Bolfarini. **A representação na arquivística contemporânea**. Revista Ibero-americana de Ciência da Informação, v. 5, n. 2, p. 79-92, jul./dez. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <http://www.inirio.br>. Acesso em: 01, abr, 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/cienciainformacao>. Acesso em: 30, mar, 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. <http://www.marilia.unesp.br>. Acesso em: 30, mar, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Disponível em: <http://www.ufmg.br>. Acesso em: 01, abr, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Disponível em: <http://www.ufsc.br>. Acesso em: 31, mar, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Disponível em: <http://portal.ufsm.br>. Acesso em: 01, abr, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA). Disponível em: <http://www.icsa.ufpa.br/>. Acesso em: 30, mar, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Disponível em: <http://www.furg.br/>.
Acesso em: 30, mar, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Disponível em: <http://www.uff.br>. Acesso
em: 22,jun, 2016.